

NOTAS A RESPEITO DO SALVAMENTO ARQUEOLÓGICO REALIZADO NA FAZENDA VALE AZUL, MUNICÍPIO DE PRATA - ESTADO DE MINAS GERAIS.

Paulo Zanettini¹

Ingrend Cornaquini²

RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar os resultados obtidos a partir do salvamento arqueológico levado a cabo nos sítios Vale Azul I, Vale Azul II e Vale Azul III, localizados no município de Prata, no estado de Minas Gerais. Nesse sentido, é apresentada uma breve síntese dos objetivos do projeto e metodologia empregada. A sua vez, as análises encetadas das amostras cerâmicas e líticas corroboram com os estudos anteriormente realizados sobre a arqueologia no Triângulo Mineiro, a 'Kayapônia' - local de ocupação dos Kayapó Meridionais; no entanto, alguns fragmentos cerâmicos apontam para possível contexto de contato com povos Tupi.

Palavras-chave: Arqueologia; Minas Gerais; Aratu-Sapucaí.

ABSTRACT

This article intends to present the results achieved in the archaeological excavation of the sites Vale Azul I, Vale Azul II and Vale Azul III at the municipality of Prata, state of Minas Gerais - Brazil. A summary of the project is presented, followed by the methodology used and the results of the analysis of the artifacts collected. Ceramic and lithic samples corroborate to previous archaeological studies in the Triângulo Mineiro area, also known as 'Kayapônia' - the place historically occupied by Southern Kayapó peoples-, although there are some ceramic fragments that point to a possible contact with Tupian people in the area.

Key words: Archaeology; Minas Gerais; Aratu-Sapucaí.

1 Doutor em arqueologia e diretor da Zanettini Arqueologia; e-mail: diretoria@zanettiniarqueologia.com.br;
2 Bacharela e Mestre em arqueologia, Arqueóloga Zanettini Arqueologia; e-mail: ingrend@zanettiniarqueologia.com.br



INTRODUÇÃO

São apresentados a seguir os resultados alcançados com as ações de salvamento arqueológico oriundos do Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico na Área da Fazenda Vale Azul³, empreendimento voltado ao plantio de cítricos na região do Triângulo Mineiro, estado de Minas Gerais.

As ações de salvamento dos sítios arqueológicos Vale Azul I; Vale Azul II e Vale Azul III a cargo da Zanettini Arqueologia decorridas levaram em conta os dados obtidos na etapa anterior de licenciamento por profissionais da Fundação Araporã, responsável pela identificação e cadastro dos bens em questão (ver FUNDAÇÃO ARAPORÃ, 2008).

Os estudos da etapa anterior de pesquisa revelaram que o patrimônio arqueológico alvo de salvamento apresentou majoritariamente vestígios cerâmicos, assim como alguns líticos, remetendo sobretudo ao contexto de ocupação da região por povos ancestrais filiados ao tronco linguístico-cultural Macro Jê, corroborando a presença massiva de assentamentos de povos desse tronco linguístico na região, sobretudo os Kayapó Meridionais, levando a área em estudo a ser conhecida em relatos históricos e arqueológicos como “Kayapoânia” (DENARDO, 2018).

Além de apresentar sucintamente os métodos de pesquisa, teremos também comentários acerca dos resultados da análise artefactual realizada. A importância científica referente ao patrimônio arqueológico alvo desses estudos se insere como mais um resultado para o extenso debate acadêmico existente acerca do povoamento sobre a região hoje conhecida como Brasil Central, sobretudo relacionado à presença de complexos arqueológicos ceramistas. Os achados também dialogam com os diversos projetos acadêmicos realizados no âmbito do “Projeto Quebra- Anzol” (ALVES, 2009, 2013; DELFORGE, 2017; DE BARROS, 2018, 2021; MOREIRA, 2019), cuja área de pesquisa abarca a região do Vale do Paranaíba e Triângulo Mineiro, da qual os sítios estudados se localizam nos municípios de Perdizes, Centralina, Pedrinópolis, Guimarães, Indianópolis e Tupaciguara. Uma vez que Prata, embora inserido no Triângulo Mineiro, não tenha sido alvo do projeto Quebra-Anzol, o estudo desses sítios expande a amostra e o que se conhece acerca desse contexto de ocupação nessa porção do território mineiro.

FISIOGRAFIA

Conforme mencionado na introdução do presente artigo, o município de Prata encontra-se localizado no Triângulo mineiro, região do Brasil Central cuja denominação ocorre pelo formato peculiar das fronteiras regionais delimitadas por três grandes cursos d’água: o rio Paranaíba, ao norte; o rio Grande, ao sul; e o

3 Permissão Federal de Pesquisa (Iphan): Portaria nº 20, de 27 de março de 2020 (Anexo V – Item 05 - Processo nº 01514.002518/2016-26)



rio Paraná, cujo curso principal é constituído a partir das fozes dos outros dois rios. Dessa maneira, deve-se compreender a localização do município de Prata em uma escala geográfica mais ampla, no interior da bacia platina, servindo como área de integração não somente do território brasileiro, mas da América do Sul como um todo (SANTOS, 2016).

A geologia da área em estudo apresenta rochas filiadas aos grupos São Bento e Bauru, sendo o primeiro grupo associados a um contexto de deposição eólico que resultou na formação de arenitos com granulometria fina a média e o segundo associado a diversos eventos de derrames vulcânicos (CPRM, 2010; COMDEMGE, 2017). Os aspectos geomorfológicos do município de Prata são definidos a partir da presença de áreas de topo aplainadas com cimentação carbonática e coberturas conglomeráticas, ocasionando na formação de mesa e tabuleiros (VIEIRA, 2006).

O quadro pedológico presente na área em estudo ilustra a diversidade geológica e geomorfológica típica ao oeste de Minas Gerais. Identifica-se a presença de duas classes distintas de solo: latossolos vermelho distroférico e latossolos vermelhos distróficos. Ambas as classes de solos apresentam alto teor de areia e elevada concentração mineralógica com presença de quartzo, óxidos de ferro e alumínio (IBGE, 2007).

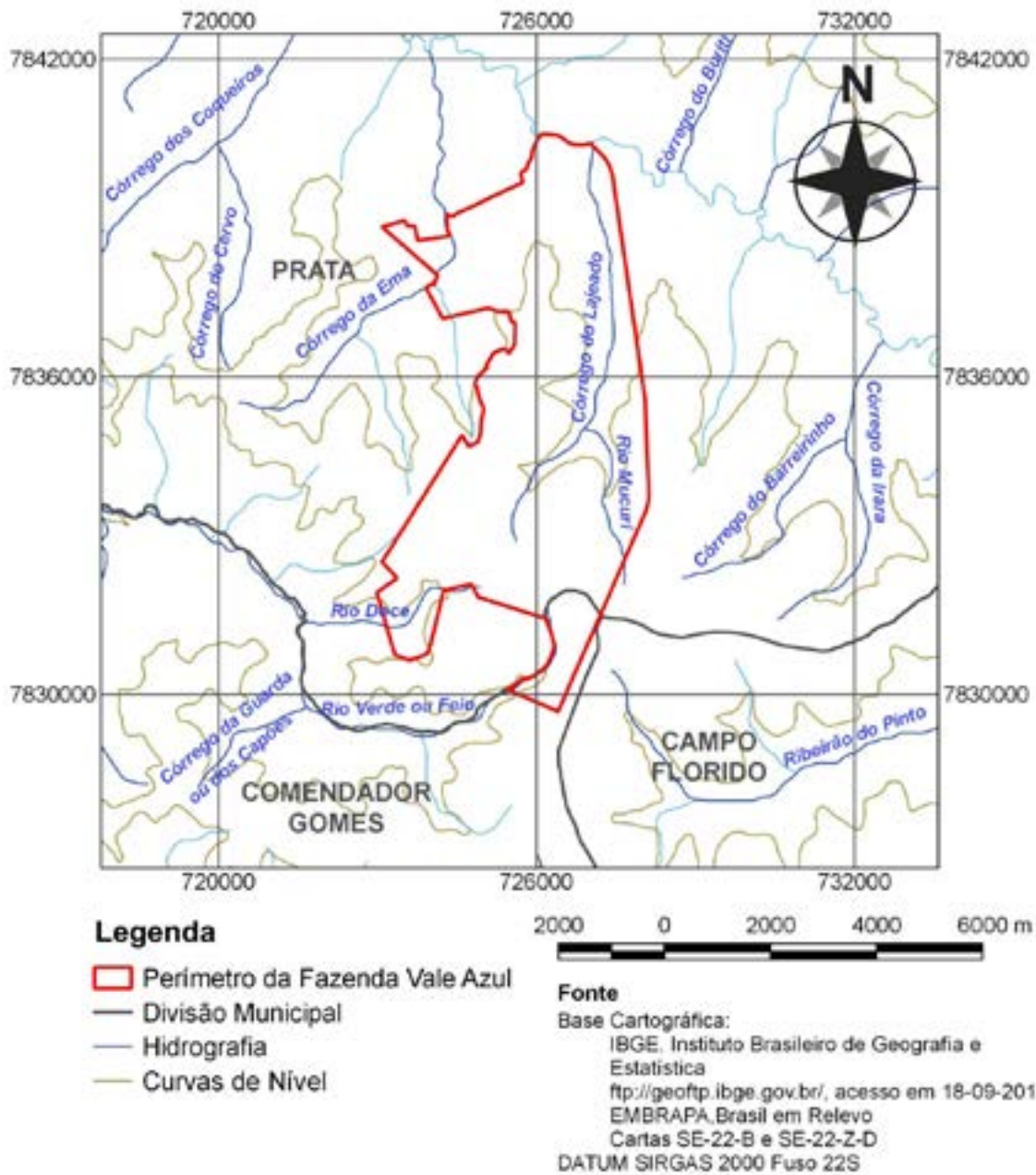


FIGURA 1. MAPA DA ADA DO EMPREENDIMENTO E A HIDROGRAFIA DA REGIÃO (VER ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2021).



FIGURA 2. PANORAMA DA PAISAGEM A PARTIR DA SERRA DA BOA VISTA, DESTACANDO ÁREA COM VEGETAÇÃO TÍPICA AO BIOMA DE CERRADO (VER ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2021).

ATIVIDADES REALIZADAS

Conforme já mencionado, os levantamentos prospectivos realizados na etapa anterior de licenciamento ambiental da Fazenda Vale Azul conduziram à identificação de três sítios arqueológicos (FUNDAÇÃO ARAPORÃ, 2018), expresso abaixo na tabela 1.

TABELA 1. LOCALIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO ALVO DE SALVAMENTO ARQUEOLÓGICO

Sítio	Coordenada de referência (<i>Datum</i> SIRGAS 2000)	Categoria
Vale Azul I	22 K 724418 7838143	Lito-cerâmico
Vale Azul II	22 K 727019 7835637	Lito-cerâmico
Vale Azul III	22 K 726985 7837833	Lito-cerâmico

O sítio arqueológico Vale Azul I está localizado junto à coordenada central UTM 22K 724418 7838143, com área de aproximadamente 51.565 m². Trata-se de um sítio lito-cerâmico a céu aberto, situado em área atualmente utilizada como lavoura de laranja. Sua implantação é definida pela presença de terraço adjacente ao curso do ribeirão Córrego das Emas. A margem oposta do regato, não utilizada por atividades agropecuárias, apresenta vegetação composta por área de Cerradão em regeneração com o predomínio de plantas arbóreas e arbustivas (figura 3).

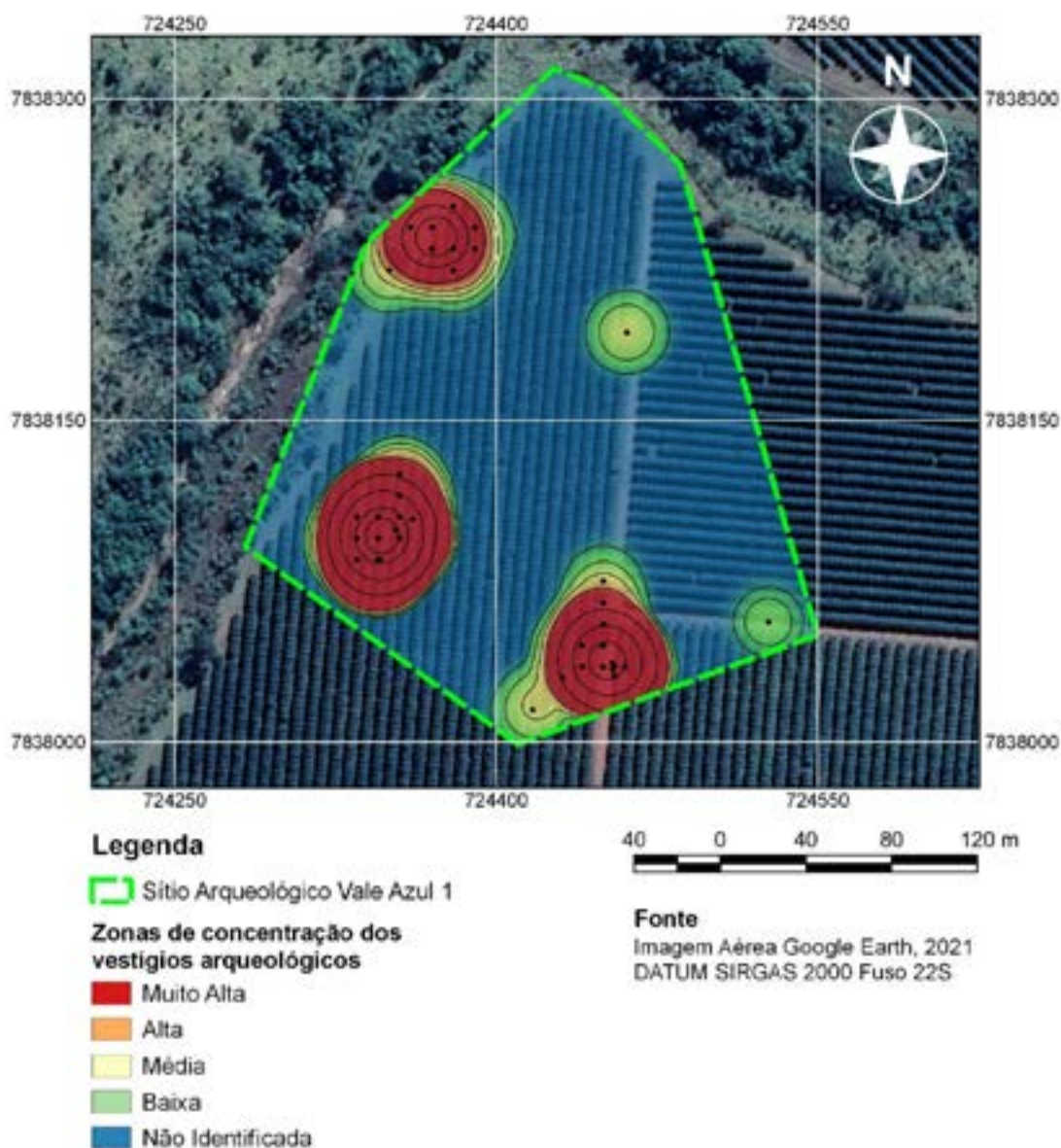


FIGURA 3. MAPA COM A POLIGONAL E DISPERSÃO SUPERFICIAL DE VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS NO VALE AZUL I.

O sítio arqueológico Vale Azul II está localizado junto à coordenada central UTM 22K 727019 7835637 e tem aproximadamente 7.256 m² de área. Trata-se de um sítio lito-cerâmico a céu aberto, também situado em área de lavoura de laranja. O sítio está implantado na margem esquerda do Córrego das Pedras, sendo que a margem oposta compreende Área de Proteção Ambiental (APP), contando com a presença de mata ciliar no entorno do curso d'água (figura 4).

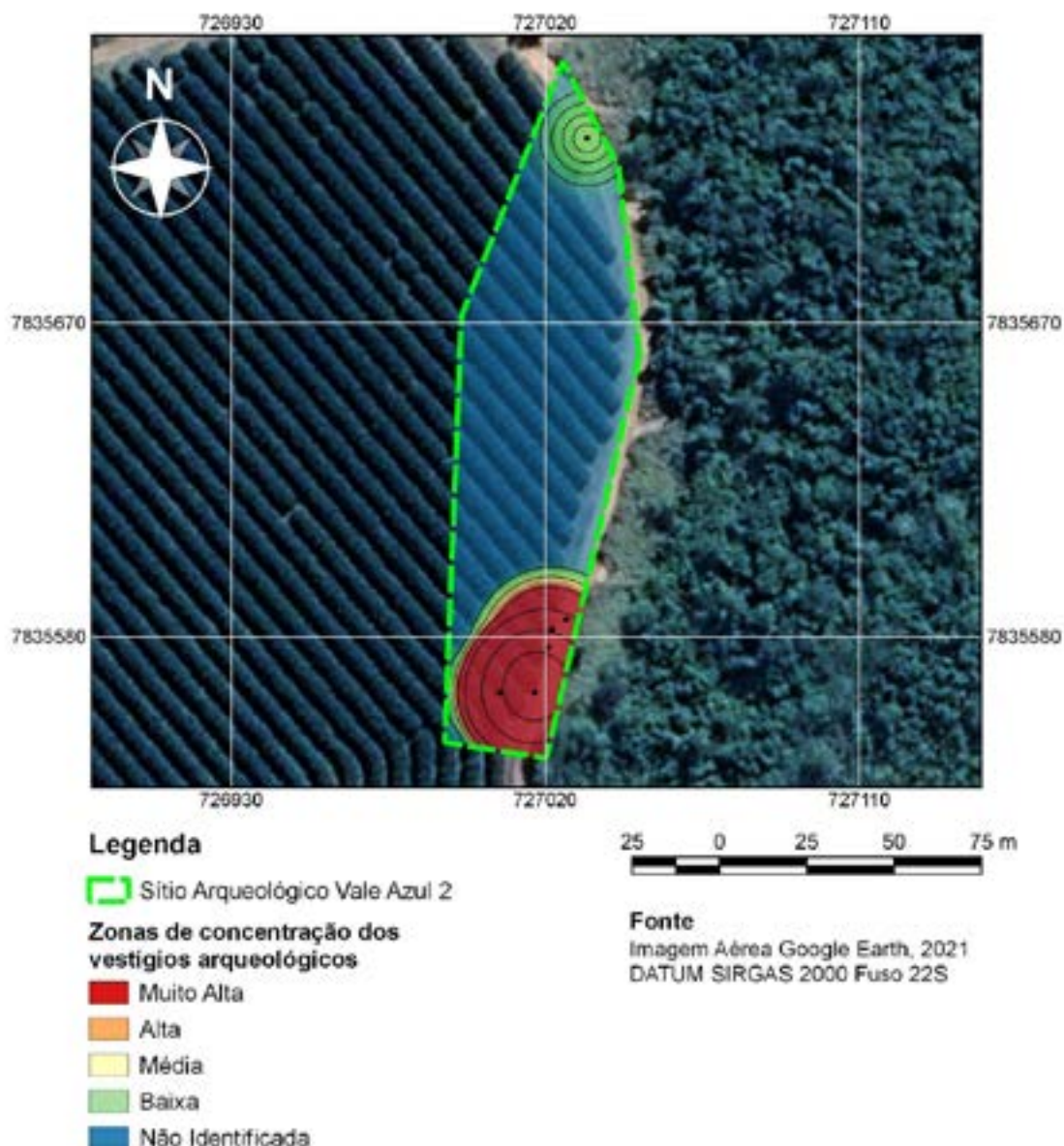


FIGURA 4. MAPA COM POLIGONAL E DISPERSÃO DE VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS EM SUPERFÍCIE NO VALE AZUL II.

O sítio arqueológico Vale Azul III está localizado junto à coordenada central UTM 22K 726985 7837833, com área de aproximadamente 29.677 m². Caracteriza-se como um sítio lito-cerâmico a céu aberto em lavoura de laranja. Encontra-se implantado próximo ao Córrego das Pedras, cuja vegetação ripária em seu entorno corresponde a Área de Preservação Permanente (APP). O referido córrego apresenta diversas barragens previamente edificadas para a irrigação dos laranjais (figura 5). Essa porção da fazenda também apresenta diversas estruturas antrópicas situadas nas imediações do sítio arqueológico, a exemplo de edificações que correspondem a unidades habitacionais e produtivas (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2021).

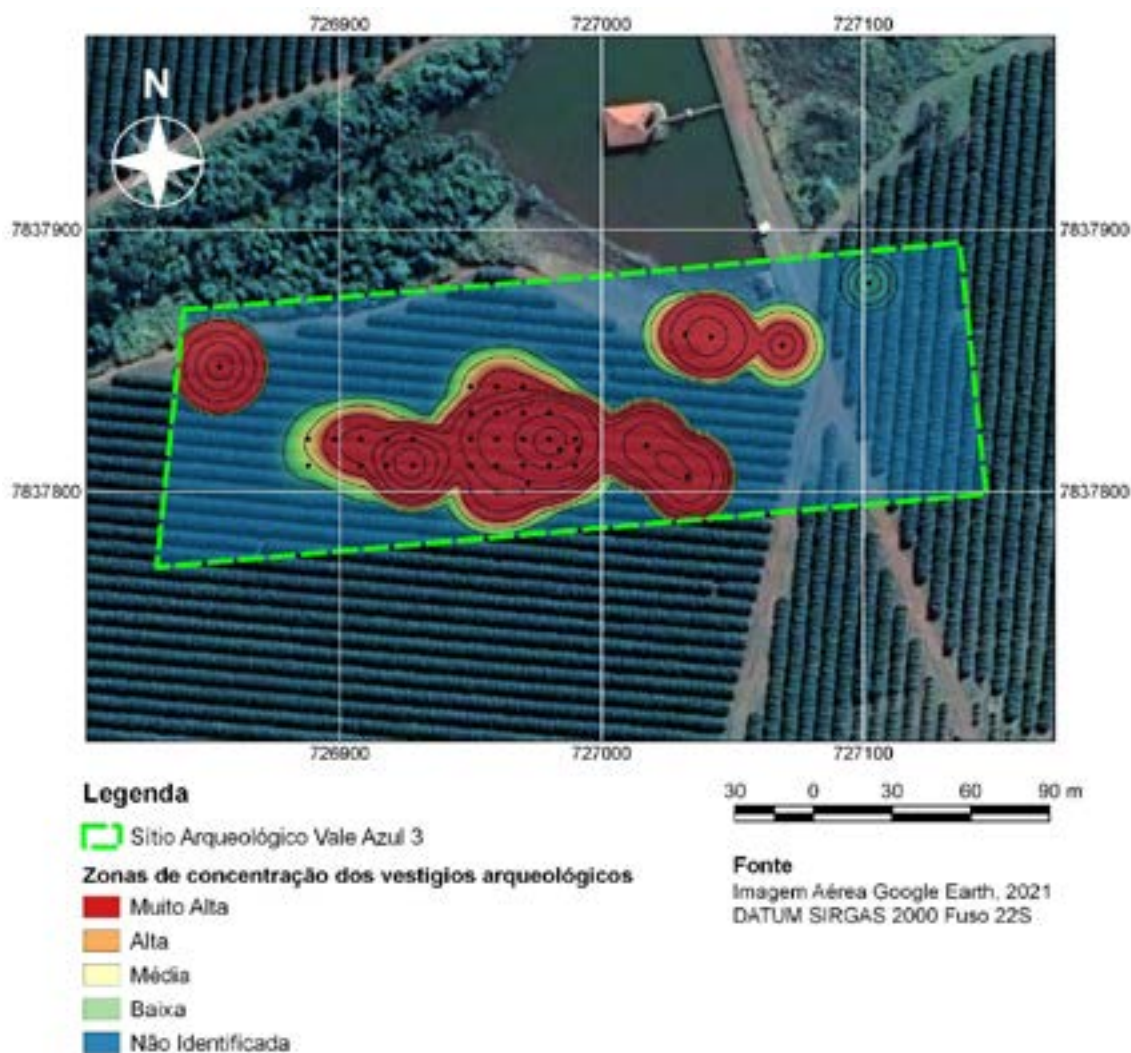


FIGURA 5. MAPA COM POLIGONAL E DISPERSÃO SUPERFICIAL DE VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS NO VALE AZUL III.

À priori, foram elaboradas em gabinete as malhas de intervenções sobre as porções do terreno onde foram identificadas a presença de vestígios arqueológicos. Cada um dos sítios foi alvo de ações de intervenção em superfície e subsuperfície, envolvendo a delimitação de quadras de coleta em superfície (10 x 10 m) e quadras de raspagem (5 x 5 m), estas escavadas na porção nordeste de cada quadra de coleta (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2021). A execução de tais intervenções respeitou o padrão de concentração do material identificado na etapa anterior de licenciamento (FUNDAÇÃO ARAPORÃ, 2018)

O material oriundo das intervenções em subsuperfície foi pormenorizadamente peneirado. No que se refere à abertura tradagens e unidades de escavação, o controle das informações relativas à estratigrafia e a presença de material arqueológico foi realizada por níveis artificiais de 10 em 10 cm. Uma vez exumados, os vestígios arqueológicos oriundos dessas intervenções foram acondicionados em sacos plásticos devidamente etiquetados, com a identificação de proveniência, nível, data, quantidade e tipo de material coletado.



FIGURA 6. 1) VISTA DA PAISAGEM DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO VALE AZUL I; 2) UNIDADE DE ESCAVAÇÃO NO VALE AZUL I; 3) VISTA DA PAISAGEM DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO VALE AZUL II; 4) FRAGMENTO CERÂMICO ENCONTRADO NO VALE AZUL II; 5) VISTA DA PAISAGEM DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO VALE AZUL III; 6) FRAGMENTO CERÂMICO ENCONTRADO NO VALE AZUL III (VER ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2021).

A Curadoria do acervo arqueológico teve como ponto de partida a utilização de critérios uniformes de identificação, organização e registro do acervo, respeitando a metodologia previamente utilizada pela Zanettini Arqueologia (ZANETTINI & MORAES, 2004; ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2009a) preservando também a peculiaridade de cada projeto de licenciamento arqueológico.



FIGURA 7. 1) SEPARAÇÃO E HIGIENIZAÇÃO DAS PEÇAS; 2) TOMBO DAS PEÇAS; 3) DOCUMENTAÇÃO E REGISTRO; 4) MENSURAÇÃO DAS PEÇAS; 5) PESO DAS PEÇAS; 6) ETIQUETAGEM E GUARDA (VER ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2021).

RESULTADOS DAS ANÁLISES

Para a análise dos fragmentos cerâmicos exumados nos sítios em epígrafe, foi elaborada uma ficha contendo 22 atributos relativos à produção, estilo decorativo e forma (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2021). Para tanto, foram adotados como referências manuais de análise cerâmica arqueológica nacionais (LA SALVIA



& BROCHADO, 1989; CHYMZ, 1966; CALDERÓN et al., 1976; ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1989, 1996; BARRETO, LIMA e BETANCOURT, 2016; WÜST, 2019), e internacionais (SHEPARD, 1956; RYE, 1981; ARNOLD, 1984; RICE, 1987; SINOPOLI, 1991; SKIBO, 1992).

Levando em consideração que vasilhames cerâmicos são projetados para determinada função, optamos por utilizar o conceito de unidade de análise, proposto por Sinopoli (1991) e adotado no Brasil por Robrahn-González (1989). Nesse sentido, dentro das possibilidades, foram formados conjuntos de fragmentos considerando a correlação espacial das peças; a averiguação das seções fraturadas; a recorrência de formas representadas em fragmentos de borda de um mesmo conjunto; a análise das características de pasta; da queima; de cor; espessura e tratamento de superfície de cada fragmento (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1989: 59).

Os sítios arqueológicos Vale Azul I, Vale Azul II e Vale Azul III são sítios lito-cerâmicos à céu-aberto, e essa análise das coleções cerâmicas exumadas resultou na classificação de 152 unidades de análise na coleção do Vale Azul I; 9 unidades de análise na coleção do Vale Azul II e 123 unidades de análise no Vale Azul III. Cada unidade de análise representando um possível recipiente.

No que compete à técnica de manufatura dos vasilhames cerâmicos nas coleções foi possível identificar o acordelado como a técnica adotada na produção desses recipientes. O que é referendado por Lima (1986) como técnica predominante na produção cerâmica indígena brasileira. Quanto às queimas, a maioria dos fragmentos apresentou o núcleo reduzido e as superfícies oxidadas (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2021).

No que diz respeito aos tratamentos de superfície, a grande maioria dos fragmentos tem o tratamento plástico da face externa alisado. Nas coleções também foi possível averiguar que a técnica de polimento ou brunidura estava sendo utilizada no acabamento dos recipientes. Esse tratamento plástico da superfície é uma escolha técnica feita para obter um acabamento refinado (SHEPARD, 1956: 66). Segundo Calderón e colaboradores, o polimento é “uma técnica de complemento do alisamento para tornar [potencialmente] impermeável e lustrosa a superfície do vasilhame, podendo ocorrer tanto interna, quanto externamente” (1976: 139).

O sítio Vale Azul I apresentou a maior variabilidade de artefatos cerâmicos dentre as coleções. Na localidade foram exumados fragmentos de bordas de vasilhames geminados, de tortual de fuso globular, assim como fragmentos de grandes recipientes periformes com bordas restritas. O vasilhame geminado é representado pelos fragmentos de borda VA1-439 e de base VA1-455 encontrados na unidade de escavação 68, no nível 10-20 cm (ver figura 8). Esses recipientes **são formas bem características relacionadas a Tradição Aratu-Sapucai** (SCHMITZ et al., 1982; SCHMITZ e BARBOSA, 1985:7; LOPES, 2013). Essa projeção, no caso, representa uma vasilha mediana, com o diâmetro aproximado de onze centímetros em cada uma das concavidades.



FIGURA 8. PROJEÇÃO DE VESTÍGIOS DE VASILHA GEMINADA ENCONTRADA NO VALE AZUL I (VER ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2021).

Um tortual ou rodela de fuso é “[...] um disco ou pequeno cilindro de cerâmica, com perfuração central, destinado a servir de peso na fição de algodão e outras fibras” (BARRETO et al. 2016: 578). O furo central é feito com o intuito de estabilizar a haste de madeira que é rotacionada com as mãos para retorcer e entrelaçar as fibras formando o fio. Os fragmentos encontrados no sítio Vale Azul I representam tortuais globulares, artefatos esféricos e perfurados, intencionalmente criados para fiar (figura 9).

Os sítios Vale Azul II e Vale Azul III apresentaram, por sua vez, vasilhas de grande porte, com diâmetros de boca maiores que 40 cm. Houve grande quantidade de fragmentos de corpo de recipientes de pequeno e médio porte.

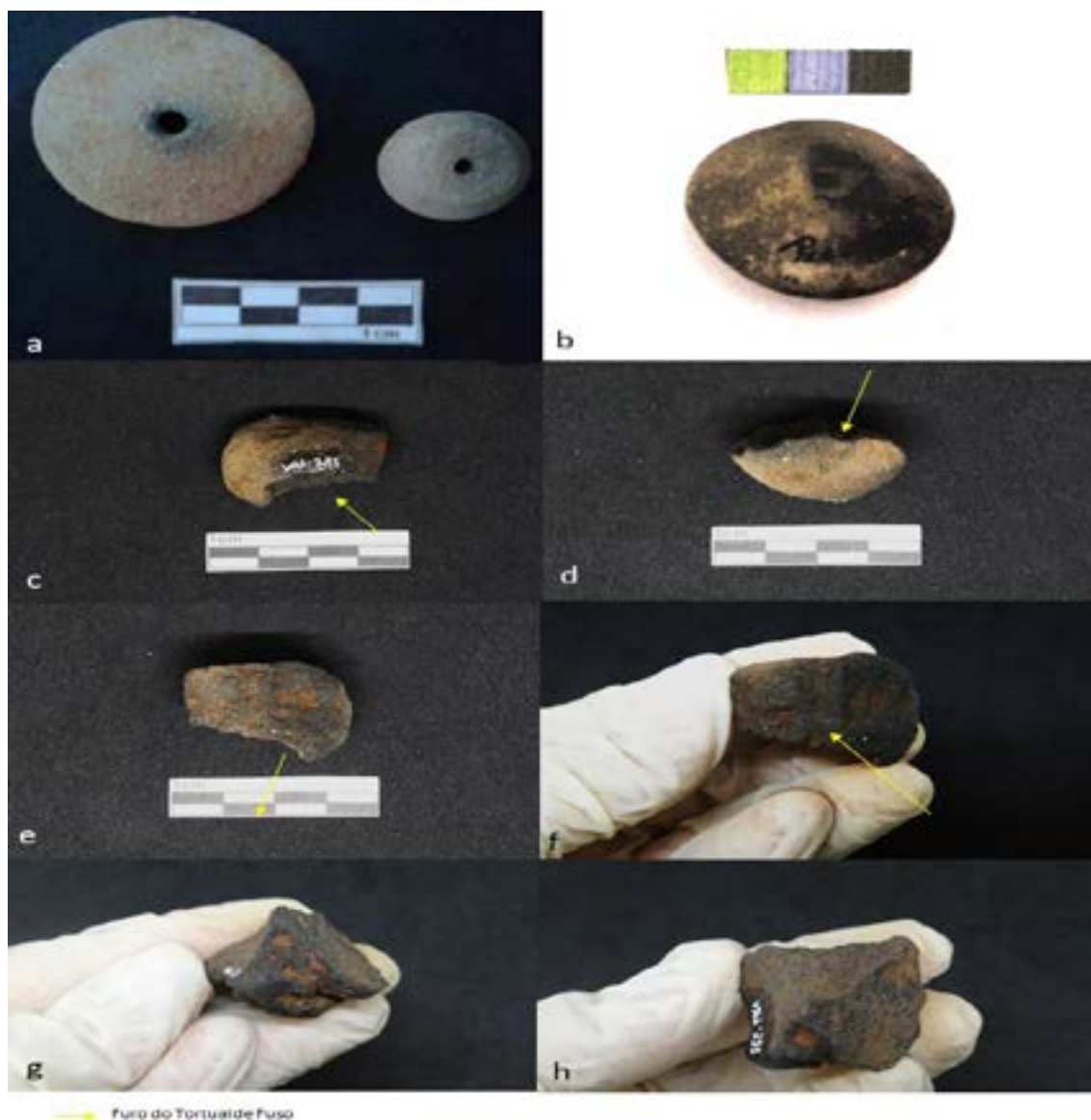


FIGURA 9. A) IMAGEM DE TORTUAIS DE FUSO (MOREIRA, 2019: PRANCHA 31); B) IMAGEM DE TORTUAL DE FUSO GLOBULAR, ACERVO DO IGPA (MOURA, 2006: 36); C) VISTA INFERIOR DO FRAGMENTO DE TORTUAL DE FUSO VA1- 385; D) VISTA SUPERIOR DO FRAGMENTO DE TORTUAL DE FUSO VA1- 385.

Nos sítios Vale Azul I e Vale Azul III foram encontrados alguns fragmentos com incisão (figura 10). São fragmentos que apresentam incisão circundando a borda do recipiente. O fragmento VA1-89 apresenta essa incisão bem próxima ao lábio, apesar do deslocamento da face externa a incisão não desapareceu (figura 10c). Já o fragmento VA1-480 apresenta a face externa conservada, a incisão também está bem próxima ao lábio, mas ela não é contínua no fragmento (figura 10b). O fragmento de borda VA3-260 apresentou duas incisões subsequentes paralelas na face interna (figura 10a). Esse fragmento representa um recipiente com a borda direta e inclinada externamente, ou seja, um recipiente mais raso e aberto. Moreira (2019:311) apresenta uma leitura sobre a presença dessas incisões, que são raras na cerâmica arqueológica desta região,

afirmando que as marcas podem ser tanto um traço de mudança na decoração plástica, quanto um marcador de etnicidade.

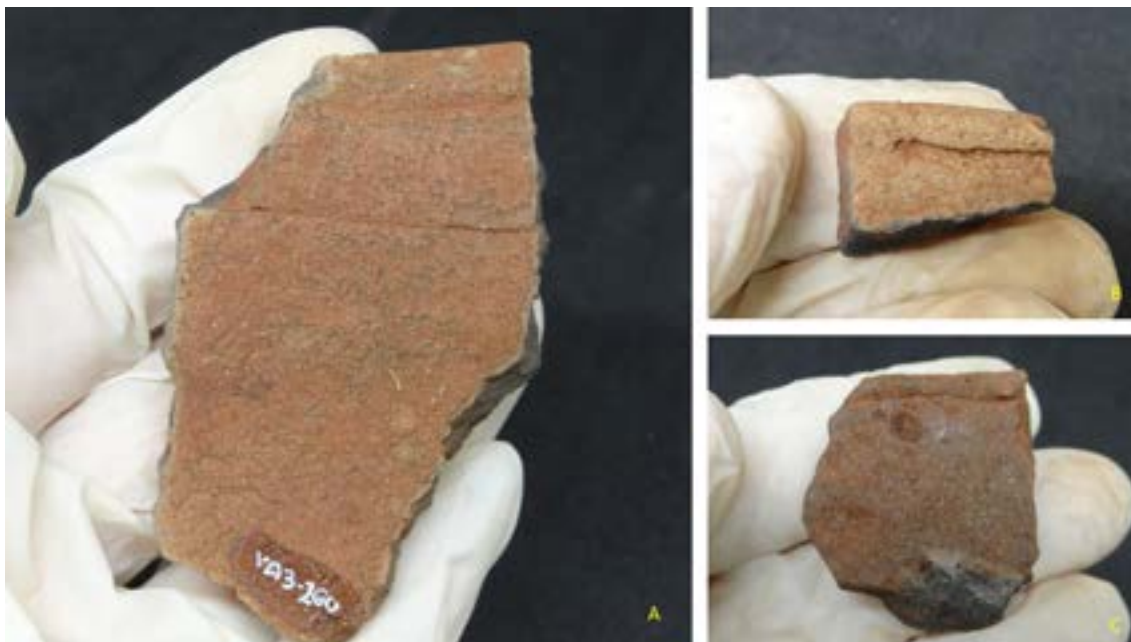


FIGURA 10. FRAGMENTOS COM INCISÃO. A) FRAGMENTO DE BORDA COM INCISÃO ENCONTRADO NO SA VALE AZUL III; B) FRAGMENTO DE BORDA COM INCISÃO ENCONTRADO NO SA VALE AZUL I; C) FRAGMENTO DE BORDA COM DESPLACAMENTO, MAS A INCISÃO SE MANTÉM PRESERVADA, SA VALE AZUL I.

No que concerne às pastas utilizadas para a confecção destas vasilhas, todas as coleções apresentam antiplástico mineral, variando de granulometria mais fina a mais grossa. A existência de pelo menos duas pastas é visível, no entanto não foi identificada diferença morfológica na comparação dos fragmentos de ambas. Ou seja, a seleção de sedimentos argilosos utilizados como matéria-prima **é feita** conforme as especificidades necessárias para recipientes planejados e produzidos (WÜST, 2019: 156), todavia, nessas coleções **não foi identificada diferença morfológica dos vasilhames conforme essa pequena alteração de uma pasta para outra**. De fato, essa diferença pode ser testemunho da existência de dois barreiros ou fontes de argila sendo utilizados ao mesmo tempo para produzir essas peças, pois as duas pastas estão presentes tanto no sítio Vale Azul I quanto no Vale Azul III, em todos os níveis das quadras e unidades de escavação estudados apesar de não apresentarem diferenças de forma e função nos vasilhames. Já a coleção do Vale Azul II só apresenta a pasta de granulometria fina, devido a sua parca amostra (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2021).

Os fragmentos de ambas as pastas analisadas nos sítios Vale Azul I e Vale Azul II demonstram marcas de uso ao fogo, evidenciando que não houve distinção de pastas também para a cocção. No entanto, a pasta com antiplástico fino **é mais frequente** nas amostras, indicando certa preferência das ceramistas por este tipo de material para tempero, como pôde ser verificado no caso de vasilhas menores e mais delicadas, como



a geminada (figura 8), mas presente também nos recipientes grandes com marcas de uso ao fogo.

A análise dos vestígios líticos identificados no resgate arqueológico dos sítios Vale Azul I e Vale Azul III indicou uma baixa variabilidade de matérias-primas, com a ocorrência majoritária de quatro (4) suportes distintos, com clara preferência ao uso de cristais de quartzo. Os fragmentos de lascas e peças residuais, por sua vez, apresentam suporte sobre basalto, arenito e sílex. O conjunto pode ser compreendido como parte de uma indústria que se caracteriza pela exploração de rochas e minerais diretamente relacionada à confecção de peças elaboradas a partir das técnicas de lascamento, definidos pela manufatura e elevada curadoria do quartzo tanto hialino como leitoso.

Quanto às técnicas de lascamento identificadas nos vestígios, notou-se um predomínio da percussão direta, com uso de percutor duro, assistida mediante a aplicação da técnica de debitagem. As técnicas e tipos de lascamento corroboram para a caracterização do sistema tecnológico e estilo inerente às cadeias operatórias líticas realizadas pelos grupos ceramistas, em especial àqueles relacionados com a tradição arqueológica Aratu-Sapucai (NERY & FACCIO, 2010; MARANCA, SILVA & SCABELLO, 1994), responsáveis pela produção artefactual cerâmica associada às peças líticas aqui analisadas.

Em relação à indústria lítica identificada nos sítios arqueológicos, os artefatos formais são representados por peças pontiagudas, sobre quartzo hialino e leitoso, apresentando possível função associada a perfuração (figura 11). Analisado as variações tecnotipológicas do material aqui apresentado, as lascas e instrumentos sobressaem dentro da amostragem do material analisado, com atenção para a conformação pontiaguda observada nos suportes sobre o mineral de quartzo. Notou-se também um maior aproveitamento de núcleos cristalinos, estando estes associados ao lascamento por meio de percussão dura e direta. A especificidade tipológica e funcional, assim como a recorrência do suporte destes furadores se destaca nesta pesquisa, uma vez que sua presença em contextos arqueológicos lito-cerâmicos é, relativamente, exígua (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2021).



FIGURA 11. INDÚSTRIA DE FURADORES EM QUARTZO HIALINO (VER ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2021).

Como pôde ser observado na análise dos vestígios líticos, a fabricação de ferramentas a partir de uma baixa diversidade de matérias-primas, baseada na aquisição de cristais de quartzo e aliada a uma grande sequência de redução dos suportes necessárias para a elaboração do artefato indicariam uma grande dificuldade em relação ao controle do lascamento dos cristais, ilustrado na baixa amostragem de instrumentos identificados nos sítios arqueológicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos elementos indicados pela pesquisa, é possível relacionar a área dos sítios arqueológicos como local de assentamento, vislumbrando ter sido nele realizadas múltiplas atividades por parte de povos Jê ceramistas que habitaram a região em apreço, como a pesca, a caça, domínio de culturas vegetais, tecelagem, a produção e uso de utensílios cerâmicos.

Os contextos arqueológicos ceramistas identificados na porção central do território brasileiro abrangem quatro Tradições ceramológicas: Aratu-Sapucaí, Uru, Una, relacionadas ao tronco Macro-Jê; e Tupiguarani, relacionada ao tronco Tupi (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1996). Dessa maneira, a região do Triângulo Mineiro



corresponde a uma área de confluência e de interação entre populações produtoras de cerâmica relacionadas a diversas matrizes culturais (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2021).

No que se refere aos sítios arqueológicos Vale Azul I; Vale Azul II e Vale Azul III, as características morfológicas, técnicas e estilísticas identificadas nos fragmentos cerâmicos analisados possibilita associarmos com a denominada tradição arqueológica Aratu-Sapucai, abrangendo diversas populações relacionadas ao tronco linguístico Macro-Jê (BARRETO, 2011: 65; ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2009a). Quanto a esta tradição arqueológica, Schmitz e Barbosa pontuam que esta produção cerâmica se caracteriza por apresentar “vasilhames predominantemente sem decoração, produzidos com antiplástico mineral, e formas de contorno simples e infletido, as bordas sem reforço, as bases arredondadas ou levemente aplanadas” (SCHMITZ e BARBOSA, 1985: 07).

Os autores também indicam uma abrangência geográfica para as cerâmicas de tradição Aratu-Sapucai, indicando as atuais regiões do norte paulista; oeste mineiro e sul goiano como área *core* de ocorrência desses complexos cerâmicos (Op.cit., 1985). A região também correspondente a uma possível continuidade cultural existente entre esta tradição arqueológica ceramista e aquela produzida pelas populações Kayapó Meridionais, grupo historicamente habitante da região do município de Prata, conforme apontado por diversos cronistas coloniais ao longo do século XVII (ver MOREIRA, 2019: 95; SCHMITZ & BARBOSA, 1985). Para além da presença da etnia Kayapó na região em estudo e sua relação umbilical com a tradição arqueológica Aratu-Sapucai, nota-se sua inserção no interior do domínio morfoclimático de Cerrado (AB’SABER, 1971), conforme já mencionado.

Não é de se surpreender que a análise cerâmica do material resgatado relacionou os vestígios ao armazenamento e preparo de alimentos, com a presença de vasilhas com formas globulares e bordas restritas, além da presença de um possível assador (Vale Azul III). A análise do material também indicou a presença de outros utensílios cerâmicos relacionados ao consumo de alimentos (vasilhas geminadas e mais rasas), bem como ferramentas relacionadas ao universo da tecelagem, como fusos (ZANETTINI ARQUEOLOGIA, 2021).

Assim, o material cerâmico identificado nos sítios arqueológicos Vale Azul I; Vale Azul II e Vale Azul III dialoga com o horizonte ceramista identificado ao longo dos diversos trabalhos realizados pelo Projeto Quebra-Anzol, inserido nas áreas de interflúvio dos rios Paranaíba e Grande. Apesar de não terem sido realizadas datações para os sítios em questão, podemos inseri-los no horizonte cronológico proposto pelo projeto acadêmico, cuja datação de diversos contextos arqueológicos identificados na região do Triângulo Mineiro indicam para a período cronológico entre 1.190 A.P a 400 AP (MOREIRA, 2019).

A presença de vestígios cerâmicos relacionados à tradição Aratu-Sapucai, associados a artefatos líticos lascados em quartzo hialino que remetem a perfuradores, como visto, fomenta o debate acerca do conceito de populações “caçadoras-ceramistas”, postulado pelo arqueólogo Robson Rodrigues quando do estudo dos Kaingang no Oeste paulista, uma vez que para tais populações, o ato de coletar frutos e caçar animais era recorrente (RODRIGUES, 2007).



Portanto, os resultados obtidos com o salvamento arqueológico do patrimônio em apreço ampliam a compreensão acerca da ocupação da região do Triângulo Mineiro e Vale do Paranaíba por diversas populações ceramistas, além de contribuir para o debate acerca das interações entre as diversas populações filiadas ao tronco linguístico Macro-Jê e o quadro ambiental proporcionado pelo bioma de Cerrado, tão característico ao Brasil Central. Ademais, as pesquisas realizadas evidenciaram que os vestígios exumados dialogam com o material arqueológico estudado no âmbito do Projeto Quebra-Anzol, possibilitando assim traçarmos uma história de longa duração (MOREIRA, 2019) acerca das populações indígenas ceramistas no extremo oeste mineiro.

REFERÊNCIAS

- AB'SABER, A. N. O domínio dos cerrados: introdução ao conhecimento. *Revista Do Serviço Público*, 40(4), 41-56, 1971.
- ALVES, M. A. Assentamentos e cultura material indígena anteriores ao contato no sertão da farinha podre, MG, e Monte Alto, SP. Tese de Livre-docência, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- ALVES, M.A. A arqueologia no extremo oeste de Minas Gerais. *Revista Espinhaço*, v 2, nº 2, dez. p.96-117. Diamantina: Universidade Federal do Vale do Jequitinhonha e Mucuri, 2013.
- ARNOLD, D. Serial interaction and ceramic design: community wide correlates in Quinoa, Peru. In: RICE, P.M. (Ed.) *Pots and pottery*. p. 133-162. Los Angeles: University of California, 1984.
- BARRETO, C. "A construção social do espaço: de volta às aldeias circulares do Brasil Central". *Habitus*, v. 9, n. 1. Goiânia: Pontifícia Universidade Católica de GOIÁS, 2011.
- BARRETO, C.; LIMA, H. P.; BETANCOURT, C. J. (Org.) *Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese*. Belém: IPHAN, 2016.
- CALDERÓN, V.; CHMYZ, I.; COSTA, M. H. F.; DIAS Jr., O. D.; EVANS, C.; HUDZIAK, G. V.; NASSER, N. A. de S.; PIAZZA, W. F.; RAUTH, J. W.; ROHR, J. A.; SILVA, F. A.; SIMÕES, M. F. Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica. *Cadernos de Arqueologia*. Ano 1, v. 1, p. 119-148. Paranaguá: Universidade Federal do Paraná, 1976.
- CHMYZ, I. *Terminologia Arqueológica Brasileira para a Cerâmica*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1966.
- COMDEMGE, COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO DE MINAS GERAIS. *Projeto Triângulo Mineiro, mapa geológico*. Escala 1:100.000. Belo Horizonte, Governo do Estado de Minas Gerais/ UFMG, 2017.
- CPRM – SGB, COMPANHIA DE PESQUISA DE RECURSOS MINERAIS – SERVIÇO GEOLÓGICO DO BRASIL. *Geodiversidade do Estado de Minas Gerais*. In: Programa de Geologia do Brasil – Levantamento da Geodiversidade. Belo Horizonte: CPRM, 2010. p. 131, 2010.



DE BARROS, A. Caçadores-coletores do médio vale do Paranaíba, Minas Gerais: estudo inter-sítios da cadeia operatória e sistema tecnológico (Dissertação de Mestrado). São Paulo, Brasil: Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2018.

DE BARROS, A. Arqueologia regional das ocupações caçadoras-coletoras do Vale do Paranaíba, Minas Gerais: Perenidade e alteridade cultural a partir da preposição de modelos organizacionais para os padrões, sistemas de assentamentos, paisagem e tecnologia lítica (Projeto de Doutorado). São Paulo, Brasil: Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2021.

DELFORGE, A. H. O sítio arqueológico Cerâmica Preta: estudo das técnicas e da cadeia operatória da cerâmica queimada em ambiente redutivo dos povos pré-coloniais praticantes da tradição cerâmica Aratu-Sapucai. Diss. Universidade de São Paulo, 2017.

DENARDO, T. A. G. B. Cadeias operatórias e sistema tecnológico do sítio Santa Luzia, município de Pedrinópolis, Minas Gerais. Projeto de Mestrado, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2018.

FUNDAÇÃO ARAPORÃ. Diagnóstico dos Bens Culturais de Natureza arqueológica e Educação Patrimonial. Área da Fazenda Vale Azul, Município de Prata, Estado de Minas Gerais. Relatório Final, 2018.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Manual técnico de Vegetação. Manual técnico em Geociência nº 1. Rio de Janeiro, IBGE, Departamento de Recursos Naturais e Estudos Ambientais. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, 2007.

LA SALVIA, F.; BROCHADO, J. P. Cerâmica Guarani. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 1989.

LEROI-GOURHAN, A. (1985). O gesto e a palavra. v. 1. Técnica e Linguagem. Lisboa: Edições 70, 1985.

LIMA, T.A. Cerâmica Indígena brasileira. In: RIBEIRO, D. (Ed.) Suma Etnológica Brasileira, v2: p. 172-230. Petrópolis: Vozes, 1986.

MARANCA, S., SILVA, A. L. M. da, & SCABELLO, A. M. P. Projeto Oeste Paulista de Arqueologia do Baixo e Médio Vale do rio Tietê: síntese dos trabalhos realizados. Revista Do Museu De Arqueologia E Etnologia, (4), 223-226, 1994.

MELLO, P. J. C.; VIANA, S. A. Breve histórico da arqueologia de Goiás. In: MOURA, M. C. O. (Coord.) Índios de Goiás: Uma perspectiva histórico-cultural, p.17-48. Goiânia: Ed. da UCG / Ed. Vieira / Ed. Kelps, 2006.

MORAES, C. A. (2006). A cerâmica arqueológica brasileira: definições e princípios de análise. Apostila Curso de Análise Cerâmica. II Simpósio Jauense de Arqueologia. Jaú: Prefeitura Municipal de Jaú, 2006.

MORAES, C. A. Arqueologia Tupi no Nordeste de São Paulo: um estudo de variabilidade artefactual. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.

MOREIRA, M. P. Projeto Quebra-Anzol: estudo de continuidade e mudança tecnológica intersítios na cultura material cerâmica. Dissertação de Mestrado em Arqueologia – Museu de Etnologia e Arqueologia. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2019.

NERY, I. S.; FACCIIO, N. B., Variabilidade Lítica dos Sítios Arqueológicos Turvos no Contexto da Tradição Aratu. V.4 nº 1, p. 60-93, 2010.

NIMUENDAJÚ, C. *Mapa etno-histórico*. Instituto brasileiro de geografia e estatística, 1981



PEARCE, S. M. Archaeological curatorship. London; New York: Leicester University Press, 1996.

RICE, P. Pottery analysis: a sourcebook. Chicago: Chicago University Press, 1987.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, E. A ocupação pré-colonial do vale do Ribeira do Iguape, São Paulo: os grupos ceramistas do médio curso. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1989.

ROBRAHN GONZÁLEZ, E. M. A ocupação ceramista pré-colonial do Brasil Central: origens e desenvolvimento. São Paulo, Tese (Doutorado em Arqueologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1996.

RODRIGUES, R. A. Os caçadores-ceramistas do sertão paulista: um estudo etnoarqueológico da ocupação Kaingang no vale do rio Feio/Aguapeí. Diss. Universidade de São Paulo, 2007.

RYE, O. S. (1981). Pottery technology. Principles and reconstruction. Manuals on Archaeology, v.4. Washington: Smithsonian Institution Press, 1981.

SANTOS, D. C. Climatologia da Pluviosidade na bacia Hidrográfica do Rio Paranaíba. 100 v. Dissertação (Mestrado) - Curso de Análise e Planejamento Ambiental, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016.

SCHMITZ, P. I.; BARBOSA, A. S. Horticultores pré-históricos do Estado de Goiás. São Leopoldo: Instituto Anchieta / Universidade do Vale dos Sinos, 1985.

SCHMITZ, P. I.; WÜST, I.; COPÉ, S. M.; THIES, M. I. E. Arqueologia do centro-sul de Goiás – Uma fronteira de horticultores indígenas no Centro do Brasil. Pesquisas - Antropologia, n. 33. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 1982.

SHA, SOCIETY FOR HISTORICAL ARCHAEOLOGY (1993). The Society for Historical Archaeology: Standards and Guidelines for the Curation of Archaeological Collections. The Society for Historical Archaeology Newsletter (vol. 26, no. 4): Dezembro de 1993.

SHEPARD, A. Ceramics for the Archaeologist. Washington: Carnegie Institution of Washington, 1956.

SILVA, F. A. As tecnologias e seus significados: Um estudo da cerâmica dos Asurini do Xingu e da cestaria dos Kayapó-Xikrin sob uma perspectiva etnoarqueológica. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000.

SINOPOLI, C. Approaches to Archaeological Ceramics. New York: Plenum Press, 1991.

SKIBO, J. M. Pottery function: a use-alteration perspective. New York. Plenum Press, 1992.

VIEIRA, W. C. Evolução de Feições Erosivas na Microbacia do Córrego Boa Vista – Prata/MG. 2006. 2 v. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia e Gestão do Território, Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.

WÜST, I. Aspectos da ocupação pré-colonial em uma área do Mato Grosso de Goiás: tentativa de análise espacial. Criciúma: Universidade do Extremo Sul Catarinense, 2019.

ZANETTINI, P. E.; MORAES, C. A. A Retomada dos Acervos das Casas Bandeiristas. São Paulo: Zanettini Arqueologia, 2004.



ZANETTINI ARQUEOLOGIA. Relatório Final Etapa de Resgate Arqueológico -Programa de Resgate Arqueológico Distrito Industrial de Jeceaba. Minas Gerais: IPHAN, 2009 a.

ZANETTINI ARQUEOLOGIA. Relatório Final do Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico, resgate arqueológico e educação patrimonial – área da fazenda vale azul, município de Prata, Minas Gerais. Volume I, 2021.